

# Hospitalidade urbana: produção de artigos científicos em periódicos nacionais da área de turismo e hospitalidade (2006 – 2016)

Alice Ribeiro Assad Wassall<sup>1</sup>

Maria do Rosário Rolfsen Salles<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta é uma pesquisa descritiva de caráter documental, cujo objetivo é verificar e analisar a produção de artigos científicos publicados em periódicos nacionais entre os anos de 2006 e 2016, nos quais a hospitalidade urbana é o tema principal. O critério de seleção utilizado foi para artigos nos quais no título, no resumo e ou nas palavras-chave havia o termo “hospitalidade urbana”. Os documentos foram selecionados a partir da consulta em bancos de dados de produção científica, disponíveis no Google Acadêmico e em portais de periódicos de hospitalidade e turismo nacionais.

**Palavras-chave:** Hospitalidade urbana; Produção científica; Periódicos nacionais.

## Introdução

A área de pesquisa e desenvolvimento relacionada à hospitalidade está incluída na área de avaliação de Administração, Ciências Contábeis e Turismo da CAPES. São ao todo 15 periódicos brasileiros que publicam pesquisas científicas sobre turismo e hospitalidade. Com exceção de dois que são da década de 90, os demais iniciaram seus trabalhos de divulgação a partir do ano 2000. São mais de 4.000 publicações somadas e dessas, apenas 11 com a temática de hospitalidade urbana. Este artigo tem por objetivo discutir o conceito de hospitalidade urbana e apresentar a produção científica no Brasil sobre o tema de hospitalidade urbana.

A metodologia aplicada foi a busca em cada um dos periódicos nacionais sobre turismo e hospitalidade por artigos, cujo título, resumo e ou palavras-chave contivessem o termo hospitalidade urbana. Após esta etapa, foi feita a mesma pesquisa na base Google Acadêmico para confirmar os resultados obtidos inicialmente. O tema hospitalidade urbana ainda é pouco explorado no país por razões diversas, uma das quais a retomada recente dos estudos sobre hospitalidade e a importância da mesma quando analisada e praticada em uma cidade, em muitos casos, entendida como “urbanidade” (DOUGLAS, 2012).

O artigo foi organizado da seguinte forma: revisão de literatura sobre hospitalidade e hospitalidade urbana, a fim de elucidar estes conceitos; apresentação da metodologia utilizada no levantamento de dados; discussão de resultados; e considerações finais. Espera-se com este artigo destacar o potencial de pesquisa sobre o tema hospitalidade urbana e incentivar que outros pesquisadores a investiguem.

---

<sup>1</sup> Discente e Mestranda junto ao Programa de Pós-Graduação Hospitalidade da Universidade Anhembimorumbi. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4488232U5> alicewassall@outlook.com

<sup>2</sup> Professora Pós-Doutora do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembimorumbi. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787396E4> mrrsalles@anhembimorumbi.edu.br

## 1. Revisão de literatura

### 1.1 Os desdobramentos da hospitalidade

A hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter as pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural (CAMARGO, 2004, p. 52). Para este autor, ato humano refere-se às relações interpessoais que são retomadas na proposta sobre os tempos da hospitalidade que podem ser entendidos por: **Receber** - ato de acolher pessoas que batem à porta, seja em casa, na cidade, no hotel ou virtualmente; **Hospedar** - o calor dedicado a alguém, sob forma de oferta de um teto ou ao menos de afeto, de segurança, ainda que por alguns momentos; **Alimentar** - refere-se à oferta do alimento que delimita e concretiza o ato da hospitalidade, ainda que seja simbólico; **Entreter** - entendido como o ato de proporcionar momentos agradáveis e marcantes do momento vivido (festas familiares, equipamentos urbanos de lazer e/ou jogos virtuais). Camargo (2004, p. 52-53)

Segundo Camargo (2004), esta conceituação constitui uma definição analítico-operacional sobre a hospitalidade, uma vez que, para se compreender uma relação de hospitalidade se faz necessário aprofundar o entendimento do ato de “bem receber o outro”. Montandon (2003) também concorda com esta afirmação e entende que a hospitalidade não se reduz apenas a receber, entreter ou alimentar o outro. Isto porque, esta relação interpessoal cria um elo social arraigado de valores como solidariedade e sociabilidade.

Há duas noções de hospitalidade, uma com cunho antropológico e filosófico, entendida pela dádiva, e outra com viés de negócios e competitividade. Nos dois casos, o referencial inicial é o mesmo: a tríplice ação do dar-receber-retribuir, proposta no *Ensaio sobre a Dádiva* de Marcel Mauss (1974). Alguns autores, como Gotman (2005), propõem que quando a hospitalidade ocorre no contexto comercial, a dádiva pode ser entendida como metáfora ou como encenação.

Lanna (2000) explicita que a tese principal do *Ensaio sobre a Dádiva* se resume no entendimento da constituição mesmo da vida social por um constante dar-e-receber, num conjunto de prestações e contra-prestações, que sedimentam a vida social. Ressalta que este ciclo universal aparece como uma obrigação, mas se organiza de modo particular em cada caso. É por esta razão que Mauss salienta a importância de compreendermos como as trocas são praticadas nos diferentes tempos e lugares. Já Camargo (2004, p. 15-16) nos lembra que “a dádiva não é um ato isolado, trata-se de um processo que compreende três momentos: dar, receber e retribuir.” E ainda, o autor explica que Mauss entendeu esta tríplice relação como chave explicativa das relações sociais, ou seja, o contato humano começa com uma dádiva que parte de um indivíduo e ainda, “a retribuição é uma nova dádiva que implica em um novo receber e retribuir, gerando dons e contradons num processo sem fim”.

É importante destacar ainda que Mauss (1974) evidencia a amplitude do conceito da dádiva, principalmente, nas questões que tangem a forma como se criam os vínculos e alianças entre os indivíduos, “constituindo o alicerce da sociabilidade e da hospitalidade”.

(SALLES, BUENO e BASTOS, 2010, p 12). Camargo (2004) dialoga com Mauss (1974) quando traz a teoria da dádiva para o campo da hospitalidade explicando que a troca que ocorre entre um hóspede e seu anfitrião trata-se um ritual contínuo. Isto se dá porque, nas palavras de Lanna (2000, p. 176), “ao receber alguém, estou me fazendo anfitrião, mas também crio, teórica e conceitualmente, a possibilidade de vir a ser hóspede deste que hoje é meu hóspede, mas amanhã pode ser meu anfitrião. A mesma troca que me faz anfitrião me faz também um hóspede potencial”.

Camargo (2008) esclarece por qual razão pesquisadores da hospitalidade buscam explicá-la utilizando a teoria e metodologia de Marcel Mauss. O autor ressalta que isto ocorre por duas razões: a primeira porque a maioria dos fatos e estudos de Mauss de alguma maneira se reportam ao processo de hospitalidade humana: “Não conheço quem receba que não goste de ser recebido” (MAUSS, 1974, p. 23); a segunda porque o autor ressalta a hospitalidade como um ritual, composto por dois atores, um espaço no qual a relação acontece e se pressupõe uma continuidade.

Lanna (2000) ainda destaca que a etnografia da troca deu um novo sentido ao que é conhecido por etiquetas sociais e explica a importância da prática da empatia durante a cena de hospitalidade; pois, para dar algo adequadamente a alguém, é necessário antes colocar-se um pouco no lugar do outro, como por exemplo o hóspede, a fim de compreender como este ao receber algo do anfitrião, cria assim uma constante relação de alteridade. Diante disso, Camargo (2004) acrescenta quais são as leis não escritas da hospitalidade que podem ser observadas nas relações de troca e que permitem observar que a hospitalidade implica em um elo assimétrico (quem recebe está em situação subalterna em relação a quem oferece a dádiva) entre o anfitrião e o hóspede. O mesmo autor completa explicando que a hospitalidade começa com uma dádiva; a dádiva implica sacrifício; toda dádiva traz implícito algum interesse; o dom deve ser recebido, aceito; receber implica aceitar uma situação de inferioridade diante do doador; quem recebe, deve retribuir.

Sendo assim, pode-se considerar que a hospitalidade não se adequa bem com a noção de igualdade, de simetria. A todo momento é possível identificar a dualidade entre a hospitalidade e a hostilidade. Trata-se de um ritual básico de vínculo e alteridade, aquele que o perpetua nessa alternância de papéis (CAMARGO, 2004), principalmente porque em uma relação entre pessoas ao **dar**, o anfitrião sempre se doa e o hóspede ao **receber**, aceita algo do doador.

Cabe destacar a importante contribuição de Sigaud (1999) ao dizer que há um intervalo entre o dom e o contradom; nota-se a dimensão de incerteza que cerca as transações, ou seja, a reciprocidade pode acontecer a qualquer momento, associada ou não a outros fatores de trocas. O que converge com Caillé (2002) quando afirma que a dádiva implica no laço social, que ocorre, contudo sem a obrigatoriedade ou garantia de retribuição.

Logo, pode-se considerar que a hospitalidade pode ser compreendida como um sistema em rede. A tríplice dar-receber-retribuir não necessariamente precisa ocorrer entre as mesmas pessoas, ou seja, aquele que doou pode receber o contradom de outro indivíduo,

pois a retribuição pode ser usufruída pelo grupo, sociedade, mantendo assim a relação de continuidade. Afinal, nas palavras de Severini (2014) “a fim de estabelecer o vínculo social, busca-se “dar” algo, que pode ser um presente, um serviço ou a própria hospitalidade. Essa “doação” é que caracteriza todo o processo, pois quem recebe terá que retribuir um dia, criando um ciclo sem fim. Mas a retribuição na dádiva não é o objetivo final. Você dá para que o outro também dê.”

## 1.2 Os domínios, tempos e espaços sociais da hospitalidade

Conrad Lashley e Alison Morrison (2004) foram os primeiros autores a organizar as relações de hospitalidade no que eles intitularam de domínios, sendo: doméstico, público e comercial. Posteriormente, Camargo (2004) incorporou à esta abordagem o domínio virtual, que por fim se materializou no que intitulou espaços da hospitalidade. Segundo Lashley (2015, p. 79), cada domínio representaria uma característica da atividade da hospitalidade que é independente e, ao mesmo tempo, sobreposta.

O **domínio doméstico** considera todas as relações que ocorrem, por exemplo, em uma residência. Já as relações associadas à alguma atividade econômica de hospitalidade, seja de restauração ou em um empreendimento hoteleiro ou de restauração, em que o serviço é prestado em troca de dinheiro, podem ser consideradas como o **domínio comercial**. Tem-se também o **domínio social** no qual são considerados os contextos sociais em que a hospitalidade e seus atos se desenrolam.

Lashley (2015) e Camargo (2004) divergem um pouco suas visões sobre o domínio social, uma vez que, para o primeiro sua definição está diretamente atrelada aos impactos das forças sociais e dos sistemas relacionados aos processos de produção e consumo de alimentos e bebidas. Por outro lado, o segundo envereda para o espaço em que a hospitalidade acontece em decorrência do direito de ir-e-vir em uma cidade. Camargo (2004) ainda destaca que este direito de ir-e-vir está diretamente relacionado com atender a expectativa de interação humana, tanto no cotidiano da vida urbana que privilegia os residentes, como na dimensão turística. Destaca-se ainda que a intersecção dos domínios é o que é chamado de experiências de hospitalidade, ou seja, uma relação de hospitalidade pode transitar ou possuir características dos três domínios. Camargo (2004) mais uma vez colabora com esta compreensão ao afirmar que é fundamental pensar nesta continuidade e conexão entre os domínios, a fim de compreender como a hospitalidade acontece em uma relação.

O mesmo autor aprofunda sua análise sobre os domínios da hospitalidade ao afirmar que a hospitalidade, seja ela comercial, social ou pública, se desenrola nos interstícios de um cotidiano marcado pela ausência de hospitalidade ou até mesmo pela hostilidade. Ele conclui que o campo de estudo da hospitalidade analisa as relações como resgate, a troca do calor humano que acontece em um ambiente social cada vez mais inóspito, quando não hostil e, assim, destacam-se as possibilidades que restam no mundo moderno, de manifestação ou até mesmo de recriação dos vínculos sociais. (CAMARGO, 2015).

É pertinente trazer para esta discussão que a contribuição de Lashley para o campo de pesquisa da hospitalidade de dividi-la em domínios não é amplamente aceita. Há autores e pesquisadores que alegam que a hospitalidade é una e que esta ocorre em contextos ou dimensões, como contexto urbano, hospitalar, hoteleiro ou social, político e econômico. Hemmington (2007) defende que fragmentar a hospitalidade não colabora com o crescimento e desenvolvimento das pesquisas, e que pesquisadores deveriam tratá-la como algo único, em especial para este autor, como uma experiência. Já Bueno, Salles e Bastos (2010) explicam que a hospitalidade é uma prática social que ocorre em diferentes dimensões da sociedade que, por consequência, assume diferentes modalidades. E que é igualmente importante reconhecê-las como fundamentais para compreender as especificidades dessas diferentes dimensões.

### 1.3 A hospitalidade urbana

Ao perceber essa capacidade natural de atratividade (das cidades), alguns gestores públicos perceberam que **uma cidade boa para se viver também é uma cidade boa para se visitar. E não o contrário.** Ou seja, a preocupação passa a ser em primeiro lugar com o anfitrião – o ser que recebe - e em segundo lugar com o hóspede, ou como o turista – aquele que é recebido. Como consequência dessa percepção uma série de planos urbanos de longo prazo vêm sendo realizados desde o início do século XXI com a preocupação de inserir temas relacionados à qualidade de vida e ao bem-estar nas agendas das cidades brasileiras e estrangeiras. (Severini, 2014 p.87)

Há duas linhas de estudo no Brasil para compreender a dinâmica da hospitalidade urbana: pela ótica do urbanismo e pelo sistema da dádiva. De acordo com Grinover (2007), uma cidade é hospitaleira a partir da coexistência de três características fundamentais: identidade, legibilidade e acessibilidade. Posteriormente, o mesmo autor acrescentou mais três características: qualidade de vida, urbanidade e cidadania. Mas o que significam estas categorias e o que elas representam para que a cidade seja acolhedora?

De acordo com o Grinover (2007), por acessibilidade entende-se o direito de acesso igualitário às oportunidades tangíveis por todos os cidadãos, mobilidade urbana, serviços básicos como água, saneamento, educação, saúde e trabalho; há também as oportunidades intangíveis tais como cultura, lazer e informação. Exemplificando a acessibilidade, o Parque Ibirapuera em São Paulo é um equipamento de lazer público que todos podem acessar livremente; o carnaval de rua do Rio de Janeiro é uma oportunidade cultural e de lazer público; e a disponibilidade de metrô, ônibus, veículo leve sobre trilhos (VLT) ou até mesmo estradas intermunicipais de boa qualidade são diferentes tipos de transporte público. Estes serviços são a essência da cidade, pois estimulam o convívio entre os habitantes, proporcionam interação social e, nas palavras do autor, “definem o espaço urbano como público, acessível, lugar das diferenças, da heterogeneidade” (p. 140). A categoria de acessibilidade está diretamente relacionada com a de qualidade de vida, pois segundo Grinover (2013), o acesso a serviços públicos ~~mencionados~~ indicam o grau de satisfação e são referências para que os

gestores públicos promovam inclusão social e aprimoramento da qualidade de vida dos moradores.

Por legibilidade pode-se entender como a qualidade visual da cidade, a imagem mental, ou seja, uma cidade legível é aquela que pode ser reconhecida e organizada de forma coerente. De acordo com Lynch (1997), a possibilidade de se identificar facilmente marcos ou caminhos de uma cidade também lhe confere o status de cidade legível. Para facilitar a compressão desta categoria tem-se o edifício do Museu MASP em São Paulo, a catedral de Brasília, o Morro do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, o Pelourinho em Salvador como exemplos de marcos que possibilitam reconhecer imediatamente onde estão localizados. É importante destacar aqui que todos os exemplos apresentados são apenas para exemplificar cada categoria, não significa necessariamente que cada cidade mencionada pode ou não ser considerada como acolhedora ou hospitaleira.

Seguindo as categorias de Grinover (2007), aqui cabe uma ressalva de que a identidade talvez seja a categoria mais importante a ser trabalhada, uma vez que está diretamente ligada ao estímulo do sentimento de pertencimento dos moradores para com sua cidade.

O pertencimento é vital: ‘despertencidos’ e desapropriados de nossas raízes perambulamos por nossas cidades, sem mitos fortes que nos amarrem, nossas heranças se perderam e não temos o que colocar no lugar: somos seres desagregados e sem coesão. No entanto, o desejo de pertencer a uma cidade, a um grupo, a um espaço ou a uma ‘tribo’ tem impulsionado movimentos sociais e ações culturais. (GRINOVER, 2006, p.35)

Nas palavras do autor, por identidade entende-se “algo vivo, sempre em uso, necessário e amado, lugares de confluências das memórias passadas e, sobretudo, das memórias futuras” (Grinover, 2007, p. 150). Logo, a identidade é a memória coletiva que pode ser compreendida como um conjunto de valores, de histórias, de hábitos e costumes que fazem com que o morador ou turista sinta que pertence àquele espaço. É possível ainda resgatar esta identidade por meio da restauração de espaços públicos, promovendo a regeneração urbana. Há dois exemplos que podem facilitar a compreensão do que é identidade; são eles: a iniciativa da prefeitura da cidade de São Paulo de promover a Virada Cultural de maneira que a população voltasse a frequentar o centro da cidade, e fechar a Avenida Paulista aos domingos. Tem-se também todo o trabalho de restauração e regeneração da Lapa no Rio de Janeiro, que permitiu que bares, restaurantes e casas de show se instalassem no bairro e hoje é referência da vida urbana na cidade.

Para explicar como a cidadania se expressa na hospitalidade urbana, Grinover (2016) procura referências históricas e conclui que ser cidadão é ter direito de ir e vir, à vida, à liberdade, é poder participar das decisões do município. Cidadania é poder exercer seus direitos civis. Cidades que são marcadas pela desigualdade social, excludentes e hostis, são aquelas que impedem a cidadania plena. Por fim, a urbanidade pode ser considerada em linhas gerais como o agrupamento de todas as características previamente destacadas, uma vez que “urbanidade refere-se a como os espaços da cidade acolhem as pessoas (...) É o conjunto de qualidades boas e más que distinguem a cidade” (GRINOVER, 2016, p. 107). A

urbanidade também pode ser associada à cortesia e civilidade das pessoas; aquele que é educado e cortês é um indivíduo dotado de urbanidade. Estas categorias estabelecidas por Grinover estão intrinsecamente relacionadas com a ideia de Raffestin (1997) sobre cidade hospitaleira que afirma que numa cidade ou rua acolhedora, as expressões da linguagem transmitem a ideia e a capacidade dos espaços em produzir sociabilidade entre anfitrião e hóspedes no espaço.

Partindo para análise do sistema da dádiva no contexto urbano, Camargo (2008, p.22) novamente contribui ao dizer que “O investimento estético – de qualquer natureza – em ruas, as praças, os monumentos e a sua infraestrutura de recepção e circulação, é uma manifestação regida pelo sistema da dádiva. A cidade se faz mais bonita e exhibe sua beleza como dádiva aos que nela moram e aos que a visitam. Hospitalidade é um processo que envolve pessoas e espaços. A cidade se torna um espaço hospitaleiro para o ver-e-ser-visto das pessoas”.

A partir deste ponto, pode-se trazer a tese de Severini (2014) sobre como o sistema da dádiva se manifesta na hospitalidade em uma cidade. Segundo a autora, a definição dos agentes da hospitalidade urbana não é muito clara devido à sua complexidade, pois é necessário refletir sobre o papel do hóspede urbano que pode ser tanto os moradores, turistas ou até mesmo imigrantes. Isto porque, todos que vivem a experiência da cidade se tornam turistas nela, pois um morador que se desloca para outro bairro a fim de conhecer um novo restaurante, museu ou história é um turista dentro da sua própria cidade. Severini (2014) ainda destaca que muitas vezes esta relação entre moradores e turistas é difícil de ser percebida no caso da hospitalidade urbana, uma vez que, não possível identificar a diferença entre as pessoas nos espaços. O que vai de acordo com Allis (2012, p.235) quando o autor aponta: “Não se trata de afirmar que morador seja turista, ou vice-versa, mas parece razoável tratar turistas e moradores como sujeitos da mesma atividade, convivendo em suas experiências urbanas e compartilhando espaços e serviços urbanos”.

De acordo com Severini (2014), a hospitalidade urbana se desenrola em diferentes tipos de espaço, sejam eles públicos ou privados, tais como: cafés, restaurantes, lojas, lobbies dos hotéis, igrejas, bibliotecas, livrarias, cinemas, teatros, parques e museus. Logo, são espaços coletivos que permitem ao hóspede urbano acesso livre e/ou controlado. Mas, se o morador também é considerado como hóspede, quem assume o papel de anfitrião nesta relação? Segundo a autora, o gestor público seja ele o prefeito ou o secretário de planejamento. E mais, o sistema da dádiva se manifesta na hospitalidade urbana de uma forma distinta quando comparada à hospitalidade em outros contextos. Isto porque, trata-se de uma relação imensurável, quem recebe estará sempre em débito com o seu doador. Sobretudo, porque não se trata de uma relação, cujo vínculo é necessariamente social, que ocorre entre dois indivíduos; na hospitalidade urbana o sistema da dádiva se manifesta entre o hóspede urbano para com a sua cidade.

Severini (2014) explica que o gestor público no papel de anfitrião presenteia o hóspede urbano com ruas sinalizadas, iluminação, segurança, equipamentos de lazer etc. Logo, o valor

do presente pode custar milhões ao doador. Por esta razão, trata-se de uma relação assimétrica, pois se na dívida a retribuição é normalmente realizada por meio de significados equivalentes, na hospitalidade urbana isso não é possível. O gestor público, neste caso, é quem detém o poder colocando assim o hóspede urbano na condição permanente de dívida. Contudo, vale ressaltar aqui, que a autora explica que esta dívida é com um bem com a cidade, o que garante o vínculo permanente nesta relação. E a retribuição, como ocorre? A tese defendida por Severini (2014) é de que o morador retribui com ações de cidadania e civilidade, zelando pelos espaços, pagando impostos e taxas. Já o turista, de certa forma, retribui com a receita gerada através do turismo.

Assim, percebe-se como a hospitalidade urbana pode ser entendida como um fato social total (MAUSS, 1974). Isto porque há uma implicação social na doação do gestor público ao hóspede urbano com a oferta de benfeitorias, o estímulo que estas podem provocar na identidade e pertencimento do morador para com a cidade. Há a implicação econômica na retribuição do hóspede urbano com as ações de civilidade já mencionadas e do turista ao visitar a cidade, e política, pois envolve todos aqueles que vivem a cidade, desde moradores, gestores a turistas.

Há uma visão diferente sobre a dinâmica da hospitalidade urbana quando se busca por referências internacionais. Bell (2007) procura compreender a hospitalidade urbana sob a óptica da influência de espaços comerciais e da comensalidade no bairro. O capítulo “Hospitality and Urban Regeneration” publicado em 2007 no livro *Hospitality: social lens* faz uma análise da ressignificação de determinados bairros nas cidades de Manchester, Inglaterra, e de Auckland, Nova Zelândia em função de espaços comerciais como cafés e restaurantes. Neste caso, Bell (2007) enxerga este fenômeno como a nova hospitalidade urbana com forte influência da hospitabilidade<sup>3</sup>. Considera-se importante neste artigo a exposição de outros autores que estudam a hospitalidade na perspectiva da cidade, como Latham (2003), principal referência de Bell para o capítulo. Latham (2003) e Bell (2007) dialogam com suas ideias ao concordarem que espaços comerciais tais como bares, restaurantes e cafés acolhedores, criativos, nos quais a equipe está engajada na prática da hospitabilidade, não podem ser considerados locais de hospitalidade, porque ocorrem apenas trocas comerciais. Na realidade, estes espaços podem estimular o convívio entre as pessoas, a comensalidade, o senso de coletivo e a solidariedade, gerando maior sentimento de pertencimento.

---

<sup>3</sup> Telfer (2000) apresenta as qualidades que podem ser observadas em uma pessoa hospitaleira, são elas: • O interesse, a compaixão ou o desejo de agradar aos outros; • O desejo de suprir as necessidades dos outros; • O desejo de receber amigos ou ajudar o que estão em dificuldade; 17 • O desejo de ter companhia ou de fazer amigos; • O desejo de receber por prazer, de entreter os outros.

O conceito de hospitabilidade é como identificamos às características de uma pessoa hospitaleira. Pode ser entendida como forma, entre outras, pela qual um indivíduo pode escolher exercer virtudes gerais, tais como: benevolência, zelo pelo bem-estar público, compaixão, objetividade etc. Nas palavras do autor: “Todos tentam ser compassivos, benevolentes e afetuoso, mas nem todos precisam tentar ser hospitaleiros”. (LASHLEY, 2004, p. 76)



É interessante perceber como esta perspectiva de Bell (2007) e Latham (2003), num primeiro momento, podem parecer distantes dos conceitos de hospitalidade urbana sob a óptica do urbanismo ou da manifestação da dádiva. Contudo fazem muito sentido porque no papel que espaços comerciais podem ter na ressignificação de espaços públicos e regeneração urbana percebem-se aspectos de urbanidade, legibilidade, identidade, qualidade de vida e a manifestação da dádiva. Um rápido exemplo disso é o Mirante 9 de Julho na cidade de São Paulo que, em função da abertura de um centro cultural com ampla programação cultural, deu novos ares à área que antes era considerada um ponto de drogas. O que era um marco abandonado da cidade, hoje é facilmente identificado (legibilidade). Trata-se de um local que teve sua história resgatada, estimulando a identidade dos frequentadores com o espaço (identidade); melhorou a qualidade de vida dos moradores próximos do local e, por consequência, dos transeuntes e frequentadores (qualidade de vida) e há a manifestação da dádiva, pois uma das razões dos empresários para investir no local foi promover a ocupação e recuperação de um espaço público para a cidade de São Paulo (São Paulo Antiga, 2015). Finalmente, há o ponto comum de se tratar de experiências de hospitalidade que transitam nos contextos social, comercial e público, como Camargo (2004) e Lashley (2015) defendem.

Visando contribuir para a compreensão do conceito, o quadro 1 sintetiza as três interpretações de hospitalidade urbana discutidas nesta revisão bibliográfica.

Quadro 1: Síntese do conceito de hospitalidade urbana.

<b>Autor</b>	<b>Teses</b>
Grinover (2006, 2007, 2013 e 2016)	Visão urbanista; a hospitalidade urbana ocorre num conjunto de características tais como: legibilidade, identidade, acessibilidade, urbanidade, qualidade de vida e cidadania.
Severini (2014)	A manifestação da dádiva na cidade. Os agentes de hospitalidade são os hóspedes urbanos e os gestores públicos.
Bell (2007) e Latham (2003)	Nova hospitalidade urbana, em que espaços comerciais criativos e acolhedores podem estimular o convívio entre as pessoas, a comensalidade, o senso de coletivo e a solidariedade, gerando maior sentimento de pertença e promovendo a regeneração urbana.

## 2. Metodologia

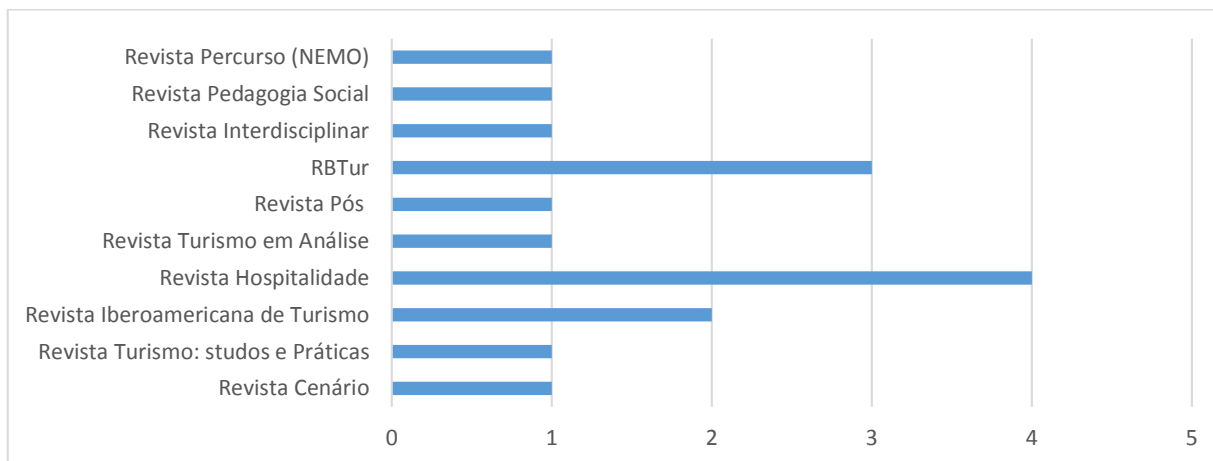
A pesquisa foi realizada diretamente nos portais de 15 periódicos nacionais da área de turismo e hospitalidade e no Google Acadêmico, uma vez que esses artigos não estão disponíveis nas bases de dados do portal Periódicos Capes. Na busca foram utilizados os termos “hospitalidade” e “hospitalidade urbana”. Estes termos foram selecionados porque os mecanismos de pesquisas dos periódicos podem fazer busca pelo assunto do artigo; eles poderiam identificar o volume de produção de artigos sobre a temática de hospitalidade e, com isso aumentar a possibilidade de selecionar artigos sobre hospitalidade urbana.

Com o intuito de analisar a produção sobre a hospitalidade urbana no exterior e os possíveis caminhos de pesquisa, foi feita uma busca no Portal Periódicos Capes. A seleção das bases de dados se deu utilizando os critérios de área de conhecimento, no caso Ciências Sociais Aplicadas, com filtro para a área específica de Turismo. A área de Turismo possui 23 bases de dados disponíveis no portal Periódicos Capes. Foram selecionadas as bases Web of Science - Coleção Principal (Thomson Reuters Scientific), SCOPUS (Elsevier), Emerald Insight (Emerald) e SAGE Journals Online. A pesquisa foi realizada com a palavra “urban hospitality” aplicando os filtros temporal (2006 – 2016) e apenas artigos científicos. Posteriormente, em algumas bases, se fez necessário aplicar filtros por assunto, cuja prioridade foi dada apenas às áreas de Turismo e Hospitalidade.

### **3. Discussão de resultados**

Num conjunto de mais de 4 mil artigos, resenhas e editoriais sobre Turismo e/ou Hospitalidade, foram identificados 13 artigos em sete dos 15 periódicos nacionais da área de Turismo e hospitalidade e três em outras revistas que cumpriram os critérios pré-determinados. Trata-se de um baixo percentual (0,33%) que demonstra a lacuna nas pesquisas sobre hospitalidade urbana. Por outro lado, fica claro o longo caminho que ainda pode ser perseguido pelos pesquisadores. É importante destacar aqui que, dos sete periódicos selecionados, três são do Estado de São Paulo, um do Estado de Alagoas, um do Estado do Rio Grande do Norte e um do Distrito Federal. Nesta distribuição por estados brasileiros, não está foi considerada a Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo por ter abrangência nacional (RBTur). Na figura 1 pode-se observar que as revistas que possuem o maior número de artigos sobre o assunto são a Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo e a Revista Hospitalidade, com três e quatro artigos publicados, respectivamente.

Figura 1: Número de artigos sobre hospitalidade urbana publicados em revistas nacionais no período 2006 – 2016.

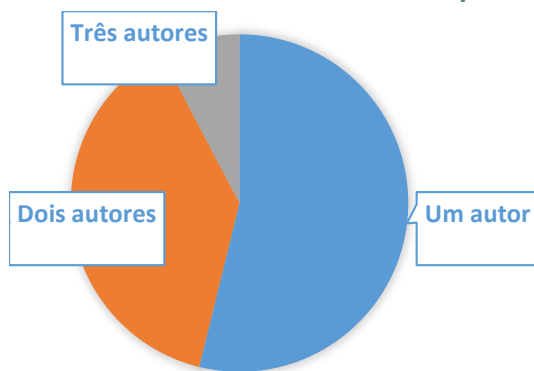


Fonte: As Autoras

Observou-se que, se por um lado os periódicos não estão concentrados em uma mesma região do país, os autores e instituições sim. Foram identificados 20 autores no total, sendo que 12 estão vinculados a instituições da cidade de São Paulo. É possível perceber também que a Universidade Anhembi Morumbi é a que produz mais sobre o assunto e destes 12 autores, oito são do Programa de Mestrado em Hospitalidade desta instituição. Foi possível perceber também que a maioria dos artigos sobre hospitalidade urbana foram publicados a partir de 2010, o que demonstra que a pesquisa sobre o assunto ainda é muito recente.

Um fato a ser destacado é o número de autores por artigo. Como pode ser observado na figura 2, dos 13 artigos publicados em periódicos da área, sete são de apenas um autor, cinco com dois autores e um com três autores. E mais, não foi identificado nenhum artigo produzido por autores de instituições diferentes, o que evidencia a falta de intercâmbio entre pesquisadores sobre o tema de hospitalidade urbana. O mesmo foi observado nos artigos que foram publicados em revistas que não são da área de turismo e hospitalidade, sendo dois de apenas um autor e um com três, neste caso, todos da mesma instituição.

Figura 2: Artigos publicados por revista



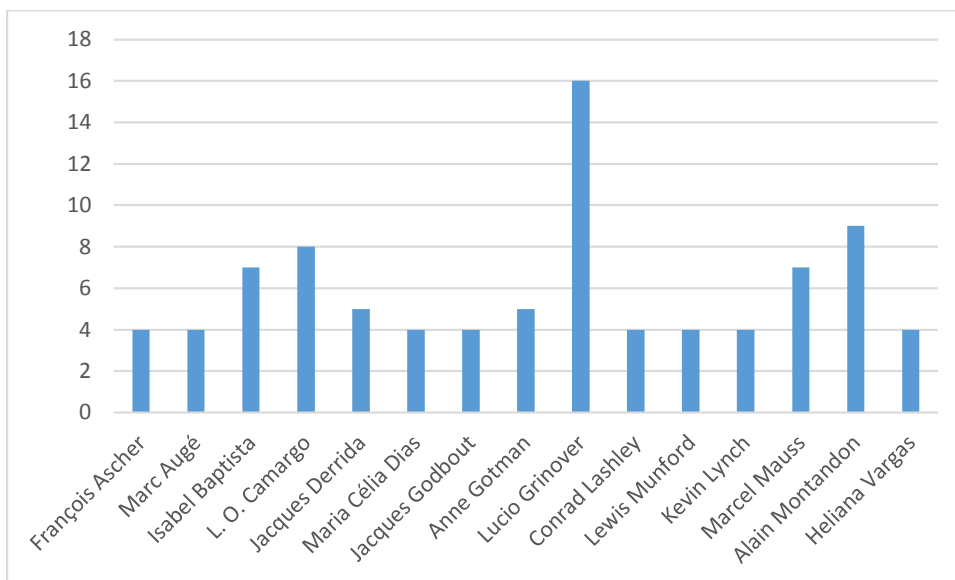
Fonte: As autoras

Vale destacar que foram observadas diferentes perspectivas que podem ser analisadas sob a ótica da hospitalidade urbana. Os 13 artigos selecionados abordavam temas distintos e as pesquisas possuíam caráter qualitativo. Observou-se: 1) discussão sobre a hospitalidade urbana em megaeventos esportivos, em que as autoras analisavam a organização da Copa do Mundo de 2014 em Fortaleza e faziam um estudo de caso do trajeto entre o aeroporto internacional da cidade, a Arena Castelão e o Parque hoteleiro; 2) análise da hospitalidade urbana e a discussão soberania, estados de exceção e inclusão no espaço urbano a partir dos protestos de rua ocorridos em 2013; 3) estudo sobre o planejamento turístico da cidade de Cancun e como isso impactou no turismo, o cotidiano e a vida dos residentes; 4) análise da hospitalidade e do patrimônio sob a ótica de guias de viagens e de turismo da cidade de São Paulo como um instrumento de hospitalidade; 5, 6 e 7) os três artigos do Prof. Lucio Grinover nos quais ele desenvolve o conceito de hospitalidade urbana e categorias de legibilidade, identidade, acessibilidade, qualidade de vida, cidadania e urbanidade já tratados anteriormente; 8) discussão sobre a hospitalidade, turismo e imigração fazendo um estudo de caso da cidade de Monte Verde/MG, que nasceu a partir da ideia do imigrante chamado Verner Grinberg; 9) análise da hospitalidade urbana por meio do olhar de Adorinan Barbosa, fazendo uma relação entre indicadores de hospitalidade com dados biográficos do autor; 10) hospitalidade urbana e o design em espaços públicos em um estudo de caso da Praça Almirante Tamandaré, em Balneário Camboriú/SC; 11) gestão pública da hospitalidade urbana em um estudo sobre o Parque da Água Branca, na cidade de São Paulo/SP, e os impactos na hospitalidade deste espaço; 12) identificação de indicadores de hospitalidade no transporte coletivo em Caxias do Sul/RS; e, por fim, 13) artigo de Severini (2014) que busca ampliar o conceito sobre hospitalidade urbana analisando a manifestação da dádiva na cidade.

Destacam-se também os temas dos três artigos sobre hospitalidade urbana que foram publicados em revistas que não são da área de turismo e hospitalidade. Identificou-se: 1) uma análise do lugar da mulher no cotidiano da cidade em que o autor discute se há espaço de sociabilidade nas cidades; 2) uma avaliação da violência urbana em Cianorte/PR; e 3) a hospitalidade na perspectiva da cidade contemporânea em que o autor sugere a reavaliação das categorias do conceito de hospitalidade urbana. Nota-se assim, a magnitude do campo de pesquisa sobre hospitalidade urbana que permite análises e estudos interdisciplinares. Um dado importante para esta interdisciplinaridade são os autores utilizados como referências

bibliográficas em cada artigo, onde nitidamente observou-se que o Prof. Lucio Grinover é a referência nacional quando o assunto é hospitalidade urbana, além de ser o autor que mais produz neste campo no Brasil (Figura 3).

Figura 3: Autores mais citados em artigos sobre hospitabilidade urbana publicados em revistas nacionais no período 2006 – 2016.



Fonte: As autoras

Na busca da produção sobre hospitalidade urbana em periódicos internacionais, foram identificados cerca de 210 artigos com os critérios escolhidos, apontando que no exterior a discussão sobre a hospitalidade urbana é mais frequente. O fato mais pertinente identificado nesta breve busca foi a constância do termo “urban regeneration” ou “hospitable cities” para artigos em que havia a discussão sobre hospitalidade urbana. São exemplos o artigo de David Bell publicado em 2007 e intitulado “The hospitable city: social relations in commercial spaces” e o artigo de Peter Lugosi, David Bell e Krisztina Lugosi publicado em 2010 e intitulado “Hospitality, Culture and Regeneration: Urban Decay, Entrepreneurship and the “Ruin” Bars of Budapest” ambos publicados no periódico *Urban Studies*. Por último, considera-se importante salientar que as possibilidades de pesquisa sobre hospitalidade urbana nas produções estrangeiras são diferentes das identificadas no Brasil. Foram encontrados artigos neste eixo que discutem mudanças climáticas<sup>4</sup>, cidades criativas<sup>5</sup> e festivais gastronômicos<sup>6</sup>.

## Considerações finais

<sup>4</sup> CLAYTON, A. Climate change and tourism: the implications for the Caribbean. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, Volume: 1 Issue: 3, 2009

<sup>5</sup> ALVAREZ, Maria. Creative cities and cultural spaces: new perspectives for city tourism. *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, Volume: 4 Issue: 3, 2010

<sup>6</sup> HOLLOWES, J., JONES, S., TAYLOR, B., DOWTHWAITE, K. Making sense of urban food festivals: Cultural regeneration, disorder and hospitable cities. *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events*, 2014

O objetivo deste artigo foi discutir o conceito de hospitalidade e hospitalidade urbana e apresentar a produção científica sobre hospitalidade urbana no Brasil e no exterior. A partir da revisão bibliográfica analisada, considera-se relevante a contribuição dos autores que defendem a tese que a hospitalidade é una e que esta pode se desenrolar em diferentes dimensões ou contextos. Além disso, constatou-se que as produções estrangeiras tampouco utilizam o termo “hospitalidade urbana” e sim “urban regeneration” ou “hospitable cities”. Por esta razão, é necessário alinhar o termo utilizado para a manifestação da hospitalidade no contexto urbano, buscando assim o desenvolvimento e expansão das pesquisas e, sobretudo, minimizar diferentes interpretações sobre o assunto.

Foi possível observar o potencial e as ramificações que a pesquisa sobre hospitalidade urbana tem, pois se trata de um assunto que favorece a discussão interdisciplinar, e não apenas de Turismo, ainda que este seja um ponto forte identificado nesta pesquisa. O ponto fraco foi o mecanismo de busca utilizado para identificar os artigos nos periódicos nacionais. Isto porque não estão disponíveis na base de dados do portal Periódicos Capes, o que dificultou a adoção de uma metodologia consistente para o levantamento das informações. Foi necessário fazer a pesquisa em cada periódico, nas quais os filtros são distintos.

Este artigo contribuirá com a dissertação de mestrado sobre a manifestação da hospitalidade em cidades olímpicas, cuja proposta é identificar formas sustentáveis de se desenvolver o turismo e qualidade de vida em uma cidade. Espera-se também que favoreça outros pesquisadores a investigarem sobre a hospitalidade no contexto urbano.

## Referências

- AGUIAR, D. (2012) Urbanidade e a qualidade da cidade. *Arquitextos*, São Paulo, 12.141, Vitruvius,
- BELL, D. (2007) *Hospitality and Urban Regeneration* In *Hospitality: a social lens*. University of Stirling, UK
- CAILLÉ, A. (2002) *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes
- CAMARGO, L. O. (2004). *Hospitalidade* (1ª ed.). São Paulo, SP: Aleph.
- CAMARGO, L. O. (2008). A pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51.
- CAMARGO, L. O. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, VII, 42 - 69.
- GRINOVER. L. (2006) A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*. P. 29-50.
- GRINOVER. L. (2007). *A hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph.
- GRINOVER. L. (2013) *Hospitalidade, qualidade de vida, cidadania, urbanidade: novas e velhas categorias para a compreensão da hospitalidade urbana*. RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo. P. 16-24.
- GRINOVER. L. (2016). *A cidade a procura da hospitalidade*. São Paulo: Aleph.

- GOTMAN, A. Peut-on faire commerce de l'hospitalité? In Colloque Franco-brésilien Hospitalité et développement durable. CRLMC - Université Blaise Pascal. Clermont-Ferrand – 4-5 avril 2005.
- HEMMINGTON, N. (2007) From Service to Experience; understanding and defining the hospitality business. The Service Industries Journal, September 2007, Volume 27, Number 6
- LATHAM, A. (2003). Urbanity, lifestyle and making sense of the new urban cultural economy: Notes from Auckland, New Zealand. Urban Studies 40, 1699–1724.
- LANNA, M. (2000). Notas sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dívida. Revista de sociologia e política (14), 173 -194.
- LASHLEY, C., & MORRISON, A., (2004) Em Busca Da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado, São Paulo: Manole
- LASHLEY, C. (2015). Hospitalidade e hospitabilidade. Revista Hospitalidade, XII, 70- 92.
- LYNCH. K. (1997). A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAUSS, M. (1974). Ensaio sobre o dom. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. e Editora da Universidade de São Paulo
- MONTANDON (2003). Hospitalidade ontem e hoje. In Hospitalidade: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira-Thomson
- RAFFESTIN, C. Réinventer l'hospitalité. Communications. Editions du Seuil, n° 65, p.165-174, 1997
- SALLES, M. R., BUENO, M. S. e BASTOS, S. (julho 2010) Hospitalidade: Trajetória e possibilidades. Contribuciones a las Ciencias Sociales.
- SALLES, M. R., BUENO, M. S. e BASTOS, S. (jan - jun de 2010). Desafios da pesquisa em hospitalidade. Revista Hospitalidade, VII, 3 - 14.
- SEVERINI, V. F. (2014) Hospitalidade urbana: ampliando o conceito. RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo. P. 84-99.
- SIGAUD (1999). "Les Paysans et le Droit: Le Mode Juridique de Règlement des Conflits". Informations sur les Sciences Sociales, 38(1):113-147.
- TELFER, E. (2000). The philosophy of hospitableness. Em C. LASHLEY, & A. MORRISON, In search of hospitality: theoretical perspectives and debates. Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Portal São Paulo Antiga disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/mirante-9-de-julho/> Acessado em 03 de junho de 2016